

**Uma Dialética Entre o Global e o Local no Romance
Todos Nós Adorávamos Caubóis, de Carol Bensimon**

A dialectic between the global and the local in the novel *We all loved cowboys*, by Carol Bensimon

Eugênia Adamy Basso*

*Universidade Federal de Pelotas, UFPel, Pelotas - RS, 96010-610,
e-mail: eugenia.adamybasso@gmail.com

Alfeu Sparemberger**

**Universidade Federal de Pelotas, UFPel, Pelotas - RS, 96010-610,
e-mail: alfeu.sparemberger@outlook.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar como os fenômenos da crescente globalização são apresentados no romance de estrada *Todos nós adorávamos caubóis* (2013), da escritora Carol Bensimon. O estudo propõe um diálogo entre o global e o local no decorrer da narrativa da protagonista Cora, que relata a região de interior por onde percorrem logo após ela e sua companheira de viagem viverem no exterior. Procurou-se analisar como o espaço local da obra conecta-se com o global, a relação das personagens globalizadas revisitando seu lugar de origem e a imigração nos países centrais da globalização. O aporte teórico baseou-se nos estudos de identidade (Stuart Hall), sujeitos interculturais (Néstor Canclini), cosmopolitismo (Silviano Santiago), dentre outros da mesma linha argumentativa.

Palavras-chave: Global; Local. *Todos nós adorávamos caubóis*.

Abstract: This paper aims to analyze how the increasing globalization is presented in the road trip novel *We all loved cowboys* (2013), by Carol Bensimon. The study proposes a dialogue between the global and the local in the protagonist's narrative, Cora, who reports a trip to the countryside together with her friend, after they both have lived abroad. We tried to analyze how the local space of the novel is connected to the global; the globalized characters revisiting their place of origin; the immigration issues in the central countries of globalization. The theoretical source was based on identity studies (Stuart Hall); intercultural subjects (Néstor Canclini); cosmopolitanism (Silviano Santiago); among others from the same argumentative line.

Keywords: Global. Local. *We all loved cowboys*.

INTRODUÇÃO

A obra *Todos nós adorávamos caubóis* (2013) é a terceira produção publicada da escritora porto-alegrense Carol Bensimon, e apresenta uma atualização do gênero

road fiction (romance de estrada), normalmente associado ao padrão americano. Na história, é apresentado um trajeto de viagem pelo interior do Rio Grande do Sul, realizado pelas personagens Julia e Cora, naturais do estado. A aventura foi, por anos, idealizada pelas personagens desde o tempo de faculdade. No entanto, concretiza-se muito tempo depois, quando, repentinamente, entram em contato após anos sem se comunicarem. Cora estuda Moda em Paris e Julia vive em Montreal.

Sobre a viagem imaginada, as personagens planejaram conhecer o que lhes era geograficamente próximo, mas, de certa forma, distante. Narrado por Cora, sabemos que ambas tiveram um romance e que, atualmente, há uma tensão sexual entre as duas. Sendo assim, é durante a estrada que retomam o que ficou no passado. Podemos perceber que, ao revisitar a terra natal, Cora e Julia entram num embate identitário que envolve a memória do lugar e a memória afetiva delas próprias:

A viagem foi planejada como achamento, um recurso, aliás, habitual na *road fiction*, porque o desejo de liberdade é incompatível com o roteiro marcado no mapa. E não pode haver saudade de uma paisagem desconhecida e desmemoriada, mais interessada no tipismo que em conservar os vestígios de sua própria história. A viagem, que tem início na BR-116, aparenta ser um encontro das duas garotas, das garotas com os territórios do interior, mas acaba por se resolver como um estranhamento, com final aberto no qual o questionamento da memória opera em dois níveis simultâneos: a memória afetiva enquanto casal e a memória histórica gaúcha (FERNÁNDEZ, 2017, p. 89).

Em seu estudo sobre o romance em questão, Helena Fernández (2017) dedica-se a abordar a memória afetiva e a sexualidade das personagens em contraponto com o espaço e a memória do Rio Grande do Sul. Na citação anterior a autora menciona uma paisagem desconhecida e desmemoriada, e disserta sobre uma cultura herdada pelas personagens em meio a um processo de tradição e modernidade e esquecimento e orgulho afirmativo do povo gaúcho.

É nesse cenário de redescobrimto que podemos notar que Cora e Julia não mais se enquadram como pertencentes a sua terra natal. Durante sua jornada na estrada, as duas se reconhecem e estranham-se dentro de seu próprio relacionamento, de sua ligação com os familiares e, principalmente, com a cultura do povo sul-rio-grandense. Ao migrarem para outros países, podemos analisar como as personagens interioranas se desenvolvem em países importantes do exterior. Além disso, quando retornam para o Rio Grande do Sul trazem consigo as marcas culturais de outra nação. Desse modo, o

romance configura um paradoxo entre o global e o local, resultando em uma identidade flutuante em lugares tão diferentes e, ao mesmo tempo, conectados. As marcas do global no próprio local não se fazem presentes somente nas protagonistas, mas, também, no espaço em que atuam. Sendo assim, este artigo propõe-se a analisar as formas como o global e o local manifestam-se por meio de deslocamentos e permanências nas personagens e no espaço em que se desenvolvem.

CAMINHOS DA GLOBALIZAÇÃO NA NAÇÃO RIO-GRANDENSE

O trajeto de Cora e Julia pelo interior do Estado teve início em Antônio Prado, seguindo por São Marcos, São Francisco de Paula, Cambará do Sul, Pantano Grande, Caçapava do Sul, Minas do Camaquã, Bagé e, finalmente, Soledade, cidade natal de Julia:

Ela era de Soledade, a Capital das Pedras Preciosas – todas as cidades do interior precisam se autoproclamar capital de alguma coisa, e é claro que a razão da sua singularidade é obrigatoriamente um motivo de orgulho para seus habitantes, de modo que não havia em Soledade quem não visse em um porta-copos de ametista ou em um obelisco de quartzo rosa uma arte das mais sensíveis e belas (BENSIMON, 2013, p. 12).

Cora, na citação supra, utiliza Soledade como exemplo do que constatou acerca das cidades pequenas: os habitantes têm orgulho do lugar ao qual pertencem e isso é importante no que diz respeito ao sentimento de pertencimento e de construção de identidade. Stuart Hall (2006) traz à tona a questão de identidade nacional, afirmando que as culturas nacionais onde nascemos são essenciais no que se refere à identidade cultural:

[...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas; no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser "inglês" devido ao modo como a "inglesidade" (Englishness) veio a ser representada – como um conjunto de significados – pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural*. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional (p. 48-49, grifos do autor).

Sendo assim, Hall afirma que a nação é uma comunidade simbólica, justificando o sentimento de lealdade nela envolvido. Em Soledade, Cora percebe as pedras como um fator que representa a ligação entre os habitantes e a cidade. Ainda assim, mesmo que cada lugar apresente sua particularidade local, os efeitos da modernidade persistem e, com eles, a globalização e a homogeneização cultural. Ainda em seu livro, Hall argumenta que a globalização envolve os processos atuantes que atravessam fronteiras nacionais, acabando por conectar comunidades em novas combinações de espaço-tempo. Em sua viagem, logo a caminho da primeira cidade de destino, Cora observa a paisagem:

Alguns minutos depois nós já estávamos deixando a cidade pela br-116, uma linha cinza e barulhenta que acompanha os trilhos do trem, cortando os subúrbios ao meio e que, como qualquer saída de qualquer grande cidade brasileira, deixa evidentes os esforços do país em se parecer com os Estados Unidos, mas mais evidente ainda o absoluto fracasso dessa missão (BENSIMON, 2013, p. 14).

Segundo Hall (2006), há três consequências da globalização: as identidades nacionais se desintegram; as identidades nacionais e outras identidades locais se reforçam (como resistência e lealdade); e as identidades nacionais entram em declínio, mas novas identidades (as híbridas) passam a existir. Na última citação, Cora relaciona a estrada brasileira com uma construção americana, o que indica uma tentativa de se equiparar ao modelo de um país dominante na globalização. A constatação do fracasso deste projeto, no entanto, acentua a distância entre esses mundos. Ainda assim, por meio das observações de Cora, podemos analisar como esse espaço interior a ser explorado é, simultaneamente, isolado e conectado aos processos globais:

As pessoas que moram em aldeias pequenas, aparentemente remotas, em países pobres, do "Terceiro Mundo", podem receber, na privacidade de suas casas, as mensagens e imagens das culturas ricas, consumistas, do Ocidente, fornecidas através de aparelhos de TV ou de rádios portáteis, que as prendem à "aldeia global" das novas redes de comunicação. Jeans e abrigos – o "uniforme" do jovem na cultura juvenil ocidental – são tão onipresentes no sudeste da Ásia quanto na Europa ou nos Estados Unidos, não só devido ao crescimento da mercantilização em escala mundial da imagem do jovem consumidor, mas porque, com frequência, esses itens estão sendo realmente produzidos em Taiwan ou em Hong Kong ou na Coreia do Sul, para as lojas finas de Nova York, Los Angeles, Londres ou Roma. É difícil pensar na "comida indiana" como algo característico das tradições étnicas do subcontinente asiático quando há um restaurante indiano no centro de cada cidade da Grã-Bretanha (HALL, 20016, p. 74-75).

As mensagens da cultura rica consumista estão evidentes nas descrições de Cora, tanto nas memórias de sua juventude na faculdade quanto nas atuais observações dos lugares visitados. De fato, o global chegou ao local, como no exemplo que segue:

Do meu lado esquerdo há um toca-discos do qual a família de Julia estava pensando em se desfazer, e o vinil que está rodando um dia pertenceu ao irmão dela e embalou as festinhas em que os pais serviam Coca-Cola e um menino mais esperto que o resto calibrava os copos plásticos dos amigos com cachaça de butiá. Houses of the Holy, o álbum de 1973 do Led Zeppelin, viveu cercado por um Pink Floyd e um Metallica em um quarto típico de adolescente, no município de Soledade, que com frequência cheirava ao suor das camisas de futebol esquecidas sobre os móveis (BENSIMON, 2013, p. 18-19).

Não eram os cantores nativistas que compunham a *playlist* dos adolescentes de Soledade, mas as bandas famosas de rock internacional. A bebida americana Coca-Cola, presente em máquinas de refrigerante de todo o mundo, também chega a Soledade, acompanhando a típica bebida gaúcha de cachaça de butiá. Hall (2006) conclui que a vida social é mediada pela mídia e pelo mercado global de estilos e, portanto, as identidades tornam-se desvinculadas e flutuam livremente, produzindo novas articulações entre o global e o local: [...] parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, novas identificações "globais" e novas identificações "locais" (p. 78). Como o autor argumenta, a globalização está diretamente ligada aos processos de industrialização e de consumo. Dentro da própria paisagem local, Cora avista elementos que transpassam as fronteiras por exemplo, na estrada de São Francisco de Paula:

Em uma manhã que tinha nascido fresca e luminosa, nós compramos os apetrechos necessários para o chimarrão, saco de erva-mate moída grossa, cuia com faixa pampa na base, bomba prateada sem ornamentos, e então partimos na direção dos cânions. A estrada era macia, ninguém queria estar lá, portanto nós desejávamos aquelas estradas desesperadamente. De um lado e de outro, os campos ondulados pareciam toalhas de mesa postas com pressa. Havia tratores. Soja. Pequenos barracos de madeira (BENSIMON, 2013, p. 76).

A soja é um dos produtos mais importantes de exportação brasileira, rendendo bilhões de reais para o orçamento do país. Tomada como carro-chefe dos negócios com outros países, a maior parte da colheita é destinada ao mercado internacional, como a

China, por exemplo. Sendo assim, a soja é uma grande representação do global no interior do Estado, mas não o único. Ao partirem de Caçapava do Sul, Cora e Julia visitam Minas de Camaquã, povoado de Lauro, personagem que as recebe na zona interior de Caçapava do Sul, quando decidem conhecer a Pedra do Segredo. Lauro lhes conta sobre a região em que nasceu e a procura no mapa:

Lá estava Minas do Camaquã. Parecia uma cidade minúscula, com certa vocação para maquete. Tudo cabia em um olhar. O campo de futebol. As casas alinhadas. "Na minha época, tinha até cinema, o Cine Rodeio, vocês vão ver o prédio", disse Lauro. Depois apontou para uma mancha azul, que parecia um lago, mas não era exatamente um lago, e sim uma mina a céu aberto desativada, que ia acumulando a água da chuva desde 1996. A mancha que chamara minha atenção, no entanto, era outra, mais à direita, cor de areia, quatro ou cinco vezes maior do que o que poderíamos chamar de perímetro urbano (BENSIMON, 2013, p. 107).

As Minas do Camaquã foi uma importante região onde havia a extração e exportação de cobre pela Companhia Brasileira de Cobre (CBC). No auge de seu funcionamento, possibilitou um grande avanço industrial e desenvolvimento de instalações para habitantes e operários da região. No século 19, foi explorada por alemães, ingleses e belgas, mas, com as descobertas tecnológicas do século 20, conheceu a riqueza e modos de permanência no local. Após a Segunda Guerra Mundial, com a queda econômica dos países europeus, o Brasil entra em um novo momento econômico, contando com o incentivo político e a injeção de capital. A CBC passa a ser responsável e um novo cenário se estabelece:

O Pós-Guerra traria novas perspectivas para a população mundial. Enquanto a Europa encontrava-se em ruínas, o novo mundo começava a experimentar uma lenta caminhada industrial. No Brasil, a abertura ao capital externo fomentou grandes investimentos na sua indústria de base. [...] A partir da década de 1950, a industrialização expandiu-se graças aos investimentos das multinacionais, além do capital nacional estatal e privado. Com a internacionalização da economia, o capital produtivo foi atraído pela existência de mão-de-obra barata, da riqueza de matérias-primas e recursos minerais e de um mercado consumidor em expansão (SILVA, 2008, p. 45).

Em sua dissertação de Mestrado, Rogério Silva (2008) traça um extenso panorama acerca da geografia da região, desde os aspectos físicos e naturais, passando por suas atividades econômicas ao longo do tempo, até suas perspectivas futuras (a mina está desativada a fim de reestruturação ambiental). No trecho supra, o autor

menciona a industrialização e as relações comerciais com o exterior, evidenciando o fluxo com o global que existiu na região. Outro aspecto importante a ser ressaltado diz respeito, novamente, à cidade de Soledade. Como mencionado anteriormente, o município é conhecido pela exportação de pedras preciosas. Ao chegar à região, Cora descreve a estrada:

A cidade demorava a aparecer. Um hotel barato. Mato. A rodoviária. Mato. Um painel publicitário em frangalhos. Mais mato. As empresas de pedras preciosas eram grandes caixas de concreto como fábricas quaisquer, alguns carros estacionados no pátio e nenhum interesse em expor suas mercadorias. Elas se chamavam V. Lodi Cristais, Legep Mineração Limitada, Colgemas Pedras Preciosas, mr Lodi Stone. Nem sinal das araras esculpidas, das ametistas fálidas ou dos cinzeiros de ágata (BENSIMON, 2013, p. 151).

É interessante perceber o contraste do interior como palco de industrialização. Em um ambiente que, segundo o relato, traz a ideia de abandono e de vazio, há a presença de fábricas importantes para a economia da região e que estabelecem relações com o comércio exterior. As pedras de Soledade são transformadas em objetos de decoração e joias. O mercado-alvo são os Estados Unidos e países da Europa; portanto, a valorização do dólar é favorável para a economia da região.

É possível analisar, nos lugares explorados pelo romance, forte ligação entre o global e o local. Apesar de os habitantes carregarem forte sentimento de pertencimento e orgulho à região, o que resulta em marcas de particularidades culturais, é notável que a globalização atinge os espaços e seus sujeitos por meio do consumo e da economia. Além disso, cabe salientar que Cora descreve os lugares por elas visitados com uma visão de fora: a despeito de ser natural do interior do Rio Grande do Sul, a personagem carrega em sua narrativa marcas de uma vivência no exterior. Logo, sua identidade também flutua entre os dois extremos trabalhados neste trabalho.

DO GLOBAL AO LOCAL: O ENTRE-LUGAR DE JULIA E CORA

Como visto anteriormente, o que sabemos sobre os lugares visitados no romance, a história e o comportamento de Julia, os habitantes dos municípios e sua receptividade, são resultado de uma observação de Cora, e isso é deveras importante no que diz respeito à configuração do ambiente como algo à parte da civilização. Cora foi

criada em Porto Alegre e Julia em Soledade, e isso difere no modo como ambas relacionam-se com o interior do Estado. As duas, no entanto, são jovens, cresceram em um mundo globalizado e viajaram para outros países.

Ao abordarmos as viagens e a experiência com outras culturas, é interessante mencionar o trabalho do antropólogo argentino Néstor García Canclini, que apresenta a ideia de sujeitos interculturais. Canclini (2005) analisa sujeitos coletivos e procura entender sua posição e sua estrutura. Para perceber como a sociedade configura o indivíduo, o autor ressalta que há uma necessidade de falar de sujeitos interculturais dentro de um mundo globalizado, fator decisivo na conformação da subjetividade da pessoa. Além disso, é essencial pensar nas condições tecnológicas e culturais que tornam móveis e flutuantes a formação e a permanência dos sujeitos:

As identidades dos sujeitos formam-se agora em processos interétnicos e internacionais, entre fluxos produzidos pelas tecnologias e as corporações multinacionais: intercâmbios financeiros globalizados, repertório de imagens e informação criados para serem distribuídos a todo o planeta pelas indústrias culturais. Hoje, imaginamos o que significa ser sujeitos não só a partir da cultura em que nascemos mas também de uma enorme variedade de repertórios simbólicos e modelos de comportamento. Podemos cruzá-los e combiná-los. Somos estimulados a fazê-lo com a frequência das nossas viagens, das viagens de familiares e conhecidos, que nos relatam outros modos de vida, e pelos meios de comunicação, que trazem para dentro de casa a diversidade oferecida pelo mundo (2005, p. 201).

O contato que ambas tiveram com o exterior é refletido diretamente no modo como se apresentam durante a viagem. As roupas e o estilo visual são frequentemente abordados por Cora como algo completamente diferente do esperado naquela região:

Julia me esperava ao lado de uma dessas palmeiras. Usava uma jaqueta jeans com os botões fechados até em cima e uma calça skinny bordô. Tinha mudado o cabelo de forma radical; levemente ondulado, ele caía até os ombros, e sobre a testa havia uma franja considerável, que chegava quase a encobrir suas sobrancelhas. Nem com um milhão de chances seria possível adivinhar que essa garota tinha crescido no interior do Rio Grande do Sul (BENSIMON, 2013, p. 11).

Cora é estudante de Moda em Paris, o que indica que está por dentro das tendências do vestuário que prevalecem em determinadas sociedades e épocas. Ainda que cada comunidade tenha uma vestimenta típica que a acompanha (como os *hippies*, roqueiros, índios, muçulmanos, gaúchos, sertanejos, etc.), não há dúvida de que a

globalização tenha eleito a Europa e os Estados Unidos como berço dos principais fashionistas do mundo. Sendo assim, Cora observa em Julia características de uma mulher global, cujos padrões ainda não chegaram a Soledade. Essa distância torna-se ainda mais evidente quando, logo na saída de viagem, ocorre com as personagens a seguinte situação:

Fomos interrompidas por uma série de três batidas na minha janela. Olhei e reconheci o cara das bombachas. Ele era a única pessoa que havia sobrado de todo aquele burburinho do início, além de dois funcionários usando quepes típicos de quem manobra carros, mas que sem dúvida pareciam remeter a outra coisa, talvez a dois garotos fantasiados para um baile de Carnaval da Sociedade Amigos de Tramandaí. Baixei o vidro. "Essas tuas botas são de homem", ele disse, apontando para dentro do carro, o dedo indo e voltando duas vezes. Pela sua expressão, minhas botas pareciam ter acabado com o seu dia. Um tanto chocada, olhei para meus próprios pés a fim de conferir o que era mesmo que eu usava, e eram meus coturnos Doc Martens, pelos quais eu havia pagado uma pequena fortuna em uma loja da marca em Paris. Aquele par de sapatos tinha um pequeno altar reservado em quase todos os movimentos da contracultura, mas era demais esperar que tal carga simbólica penetrasse na carcaça cansada de quem no máximo tinha visto coturnos protegendo os pés dos policiais militares que atiram balas de borracha em tendas do MST. Este é o problema da moda: você depende dos outros. Se eles não entenderem a mensagem, todos os seus esforços vão por água abaixo (BENSIMON, 2013, p. 13-14).

No fragmento supra, determinadas partes merecem destaque. Primeiramente, vale mencionar que esse momento se passa em Porto Alegre, quando Cora busca Julia no hotel em que está hospedada. Na capital, um homem de bombachas (vestimenta típica do gaúcho de interior) faz questão de abordá-la para afirmar que suas botas não condizem com seu gênero. Tal intervenção traz o estereótipo de pensamento fechado do sujeito do interior, indicando padrões de uso de vestimentas para homem e mulher. Em seguida, Cora informa o leitor sobre a origem e a representação de suas botas: um artigo caro, europeu, de caráter revolucionário. Abalada, a personagem supervaloriza seu sapato e subestima o homem ao falar da *carcaça* de sua aparência e expô-lo como indivíduo de experiência de vida limitada. O trecho citado esclarece que Cora representa o global que ainda não alcançou o local onde se encontra, o que resulta numa desconexão da personagem com o espaço. Mais adiante, as botas novamente tornam-se relevantes:

Julia começou a preencher o cadastro com uma letra cuidadosa. De vez em quando, ela levantava a cabeça e sorria para a senhorinha. A velha, por sua vez, ia seguindo com os olhos minhas andanças pela sala, como se as coisas estivessem ali não para ser vistas de muito perto, mas apenas em uma panorâmica apressada. Talvez ela fosse mais amável com outros hóspedes. Talvez ela oferecesse balas de morango para as crianças. Mas nós não parecíamos ser o tipo de gente que ela tinha prazer em servir. Que tipo de gente? Para começar, eu era uma loira platinada, cabelos emaranhados, dois dedos de raízes castanhas intencionais. Além das botas Doc Martens, eu usava um jeans apertadíssimo (pernas finas desde criança), uma regata e uma jaqueta de couro vermelha e justa com capuz, o qual, você pode imaginar, ficava um bocado armado atrás do meu pescoço. Desde que eu morava em Paris, eu carregava no lápis preto (BENSIMON, 2013, p. 21-22).

Ao chegarem a Antônio Prado, Cora e Julia decidem hospedar-se em uma pousada com cabanas. Segundo Cora, a dona da pousada, a *velha*, como se refere, não lhe trata com a mesma amabilidade que os demais hóspedes, e isso está diretamente relacionado com a vestimenta que usa, oriunda da França. No relato, Julia parece ser a única a tentar estabelecer uma conexão com o local visitado, e a hospedeira é descrita como se estivesse com desconfiança, na defensiva.

São poucas as pessoas com quem entram em contato durante a viagem que deixam uma boa impressão em Cora. As descrições da personagem normalmente abarcam traços negativos dos locais, com exceção do casal Beto e Pétala, os *hippies* que trabalham com turismo na cidade de Cambará do Sul. Segundo ela, são das poucas pessoas abertas que escutam a opinião dos outros. Não são, porém, somente os locais que despertam tensão na personagem, mas também sua própria companheira de viagem: “Ao terminar de me contar sobre Eric, Julia me encarou como se fosse minha vez de falar, mas eu não sabia o que dizer. Eu não estava nem um pouco surpresa. Julia namorando um americano parecia, na verdade, algo bastante previsível” (BENSIMON, 2013, p. 30-31).

No Canadá, Julia conhece o americano Eric e os dois têm um relacionamento, o que provoca ciúmes na narradora. No trecho anterior, ao analisar a nacionalidade do namorado, subentende-se que Julia carrega consigo uma preferência e admiração por estrangeiros como modelo de relacionamento. Nas palavras de Cora, apesar de Julia ter ido para o Canadá e ter se transformado em alguém mais globalizado, ainda é possível perceber certa superioridade em relação a ela: Cora controla seu celular, lamenta o relacionamento com o americano, obriga Julia a apresentá-la para sua família de

Soledade e não respeita sua privacidade. Muitas das brigas durante a viagem estão relacionadas às intromissões da narradora na sua vida, chegando ao ponto de Julia levar a companheira para a casa de seu irmão Mathias, em Soledade, para agradá-la. Lá, após uma discussão entre Julia e o irmão, Cora sente-se desconfortável e vai para o carro:

Entrei no carro em seguida, deitei o banco e, a partir daí, quase esqueci de esperar. Fechei meus olhos. A única informação que sobrara era a de que eu estava em um lugar iluminado. Por algum motivo estranho, comecei a enxergar imagens desconexas das ruas de Paris, como se eu estivesse no meio do asfalto, como se eu estivesse deitada no meio do asfalto em um dia sem carros, as filas rígidas de prédios de um lado e, de outro, sacadas de ferro forjado, janela aberta no telhado de ardósia, garota molhando seu único vaso, eu que pensava que sorte ver um dia assim tão ensolarado em Paris, com as pequenas nuvens começando o longo e cansativo passeio até o outro lado da Mancha, eu que sentia vertigem só de olhar muito atentamente para essas pequenas nuvens (BENSIMON, 2013, p. 164).

Fica evidente no trecho da citação que a conexão da personagem não é com o local de sua viagem. Paris é o lugar de referência para Cora. Estar no Rio Grande do Sul é revisitar suas origens e isso resulta em lembrar-se dos familiares. Cora narra sua relação com a família: pais separados e uma nova madrasta que regula de idade com ela. Julia também tem seu passado explicado: um irmão mais novo que faleceu, seus pais que estão distantes e seu irmão mais velho com quem não tem uma relação harmoniosa. Estar novamente no Rio Grande do Sul, para as duas, é voltar para o que quiseram largar. Mesmo assim, no entanto, sua relação com aquele local é absorvida de maneiras diferentes. Ainda nos primeiros dias de viagem, Cora divaga sobre as expectativas criadas:

Até onde eu podia lembrar, eu nunca tinha conseguido visualizar os cenários, as pessoas e as situações que nós encontraríamos em nossa viagem, e isso tendo tantas vezes pensado nela. Não estou falando de coisas tão específicas quanto aquela capelinha, a qual eu duvido que muita gente conhecesse, salvo os moradores das redondezas, ou certa maneira de a luz incidir nos morros entre Antônio Prado e São Marcos, mas de qualquer ideia pouco precisa, redondamente errada, ou que inclusive caísse nos mais banais dos estereótipos. Algo, em resumo, para preencher o espaço e o tempo. Será que me faltavam referências, sendo eu uma menina criada em Porto Alegre, e além do mais sem tios, avós e primos para ir visitar no interior? Não acredito que esse fosse o caso. A questão é que nossa ideia sempre tivera a aparência de uma linha comprida que você estica entre o nada e o nada. Quer dizer, eu na verdade não sabia se Julia pensava assim. Eu pensava. Quanto a ela, ela podia estar interessada desde sempre por

casinhas pitorescas. Como ter certeza se, da mesma forma que para mim, o importante para Julia não era estar em algum lugar, mas sim cair fora de outro? (BENSIMON, 2013, p. 40).

Notamos que Cora traz à tona certa falta de noção acerca do que o interior do Rio Grande do Sul poderia lhe oferecer, levantando a hipótese de isso ocorrer porque fora criada na capital do Estado. A linha comprida entre dois nadas mostra a ausência de identificação e pertencimento da personagem com o espaço e o tempo em que convive a necessidade de ir embora. Com Julia, todavia, pode ser diferente: por ser de Soledade, ela estaria sujeita a pensar em casinhas pitorescas, representando a contemplação da paisagem, do belo, do rústico – aquilo com o que Cora insiste em não se identificar, pois se sente além disso.

Em seu estudo sobre as trocas culturais entre o nacional e o transnacional, o pesquisador brasileiro José Luis Jobim (2013) trata do encontro entre culturas, valores e marcas que elas carregam após compartilhamentos. Ao trazer as ideias do filósofo François Julien, cita-o: “É no encontro com outra cultura que se toma consciência da cultura de onde viemos, na qual fomos criados, e através da qual nossa subjetividade despertou; somente quando saímos de nossa própria cultura percebemos o quanto ignoramos a cultura que chamamos tão enfaticamente (e possessivamente) de nossa” (p. 123).

Nesses encontros culturais da modernidade, recorreremos novamente aos estudos de Stuart Hall (2003) – *Pensando a diáspora – reflexões sobre a terra no exterior* – em que trata dos processos de diáspora no contexto de uma globalização crescente, tomando como exemplo a nação e a identidade caribenhas. Hall afirma que há dois processos que ocorrem na globalização contemporânea. Há as forças dominantes de homogeneização cultural, as quais são responsáveis pelo domínio do capital e pelos fluxos culturais e tecnológicos. Tais forças são oriundas da cultura ocidental, especialmente da cultura americana, que ameaça dominar todas as demais, processo nomeado de *McDonald-ização* ou *Nike-zação*. Esses efeitos são vistos em todo o mundo. Há processos, no entanto, que estão descentralizando os modelos ocidentais, o que direciona a sociedade a uma disseminação da diferença cultural. Ainda que tais tendências culturais não tenham o poder de repelir o efeito homogeneizante, elas podem propor negociações e permitir que se assimile o assalto cultural global sobre as culturas mais fracas.

E já que o novo mercado consumidor global depende precisamente de sua assimilação para ser eficaz, há certa vantagem naquilo que pode parecer a princípio como meramente "local". Hoje em dia, o "meramente" local e o global estão atados um ao outro, não porque este último seja o manejo local dos efeitos essencialmente globais, mas porque cada um é a condição de existência do outro. Antes, a "modernidade" era transmitida de um único centre. Hoje, ela não possui um tal centro. As "modernidades" estão por toda parte; mas assumiram uma ênfase vernácula (HALL, 2003, p. 45).

Tanto Jobim quanto Hall destacam o fenômeno da diferença no processo de ressignificação cultural. Ao encontrar "o outro", se reconhece a cultura de origem em contraponto à cultura de destino. Sendo assim, Cora percebe que, mesmo sendo natural do Rio Grande do Sul, carrega uma cultura diferente da de Julia, pois foi criada na capital do Estado e, portanto, sempre esteve mais próxima da globalização. Isso acarretou numa observação que Julia faz sobre a companheira na reta final da viagem, em Bagé:

"Quer saber? Às vezes eu acho que tu me usa como um troféu. Ou pra provar a tua maravilhosa tese da supermulher." "Que supermulher? Eu não tenho nenhuma tese sobre isso. E se ao menos eu soubesse o que quer dizer supermulher, Julia, tu já me viu falar nisso alguma vez?" "Tu acha que a gente é muito gata, né? A gente é gata." "Sim." "É tão óbvio! Se tu visse como tu age com as pessoas que a gente encontra, meu Deus, o teu sentimento de superioridade é tipo uma etiqueta pra fora da blusa. Civilização visita barbárie. No caso, a gente seria a civilização. Nós duas. Juntas." (BENSIMON, 2013, p. 147-148).

A discussão inicia porque Cora não admite que Julia não se sinta à vontade para assumir um relacionamento lésbico. Julia não tem o mesmo sentimento de despreendimento de Cora; ela respeita o conservadorismo do interior, reconhece que muitos hábitos das capitais são ainda diferentes das pequenas cidades. Seu contato com as pessoas durante a viagem sempre fora descrito por Cora como amigável, pois é uma menina simpática e extrovertida. Julia e Cora são representadas como a civilização e as pessoas com quem lidam são os bárbaros: de Paris e Montreal para Bagé, Cambará do Sul, e pequenos municípios que o planeta nem sabe que existem. Julia as coloca numa posição de colonizadoras num processo de colonização (mais representado por Cora, que não aceita os ideais locais) de cultura dominante, em uma cultura local que precisa negociar com a globalização crescente.

Percebemos que as personagens embarcam numa viagem de revisitação de uma nação que conhecem e que, ao mesmo tempo, desconhecem. Esse processo de

autoconhecimento provoca um estranhamento nas personagens, pois percebem que, após compartilharem outras culturas em cidades globais, não se sentem mais pertencentes à região. Tal proposição é mais evidente em Cora, que narra suas impressões acerca dos habitantes. Paris e Montreal, no entanto, também são exploradas no romance, e é-se importante analisar como as personagens desenvolvem-se nesses lugares.

DO LOCAL AO GLOBAL: O INTERIORANO NO MUNDO COSMOPOLITA

A decisão de ir para Paris estudar Moda se deu após Julia ser chamada para terminar seu curso de Jornalismo em Montreal. Tal notícia foi uma surpresa para a narradora, que se decepciona com sua partida repentina. Sendo assim, quando vai para a Europa, Cora passa a trabalhar em um restaurante italiano: “De tarde, eu fazia deslizar sanduíches sobre um balcão de inox até as sete horas, perto da Notre-Dame, repetindo o nome dos ingredientes em inglês, francês ou, caso fosse necessário, em um espanhol hesitante com algum rastro de sotaque argentino” (BENSIMON, 2013, p. 59).

O ambiente onde a narradora trabalha é bastante cosmopolita, numa esquina de Paris, ponto de encontro de turistas. Após o expediente, Cora caminha para casa, e isso é muito valorizado por ela:

Talvez fosse por isso que tantos brasileiros deixassem seu país, trocando empregos de diplomados por cozinhas e canteiros de obra, e para o diabo com os apartamentos pequenos que teriam de encarar, para o diabo com a família distante, para o diabo com o salário sem sobras, nós só queríamos ter o simples prazer de caminhar à noite (BENSIMON, 2013, p. 61).

Quando morava em Porto Alegre, Cora presenciou cenas de violência e fica evidente que isso foi mais um motivo para não desejar mais voltar ao Brasil. Novamente a narradora evidencia seu pensamento quando Julia vai visitá-la, levando novidades:

Julia ia chegar no dia seguinte. Era sua primeira vez em Paris e nosso primeiro encontro em cinco meses. Eu estava tentando não ficar tão preocupada com isso. Ela tinha saído do emprego na *Montreal Gazette* e, em duas ocasiões diferentes, havia me falado em voltar para o Brasil, mas o discurso parecia o daqueles expatriados que idealizam demais a terra natal, e que para seguirem idealizando precisam renunciar definitivamente a ela. A ideia de que o Brasil era o país do

futuro só convencia quem estava fora dele (BENSIMON, 2013, p. 179).

Não há detalhes no relato de Cora sobre a rotina de Julia em Montreal, apenas sobre seu namorado Eric, seu emprego como assistente de fotografia no site da *Montreal Gazette* e poucos amigos. Percebemos na citação anterior o desejo que Julia manifesta de voltar para sua terra natal (talvez como uma tentativa de acolhimento de sua comunidade), que não convence Cora, pois estava carregado de idealizações. Novamente torna-se nítido no discurso supra que o Brasil não é a nação com a qual Cora se identifica. Também os relacionamentos da narradora são por ela especificados: “Em Paris, eu só andava com pessoas tão *desenraizadas* quanto eu, *cidadãos periféricos* um pouco desconfortáveis por se verem subitamente no centro de tudo, ofuscados com a beleza, confusos com os modos, encarangados de frio e de saco cheio de entrada-prato-sobremesa e das trocas automáticas de amabilidades” (BENSIMON, 2013, p. 31, grifos nossos).

Os termos grifados no discurso da personagem são importantes no que diz respeito às trocas culturais, mas, aqui, de outra maneira. Durante a viagem ao interior do Rio Grande do Sul, Cora sente-se deslocada por sair de Paris para um lugar tão à parte no planeta. Quando está na França, também não se sente pertencente à nação, pois veio de um país periférico, que ainda não se inclui na predominância multicultural global dominada por países europeus. O ensaísta Silviano Santiago (2004) trabalha com os conceitos de multiculturalismo e cosmopolitismo na pós-modernidade. Para o autor, há dois tipos de multiculturalismo: o antigo e o atual.

Há um antigo multiculturalismo – de que o Brasil e demais nações do Novo Mundo são exemplo – cuja referência lumiar em cada nação pós-colonial é a civilização ocidental tal como definida pelos conquistadores e construída pelos colonizadores originais e pelas levas dos que lhes sucederam. [...] A ação multicultural é obra de homens brancos para que todos, indistintamente, sejam disciplinarmente europeizados como eles (p. 54).

Nos dias de hoje, o antigo multiculturalismo tem sido desprezado pelas novas nações africanas e asiáticas, mas é supervalorizado em países europeus como França, Alemanha e Inglaterra, palco de ações de intolerância e racismo. Para enriquecer seu argumento, Santiago (2004) cita o teórico norte-americano William Summer, o responsável pelo termo *etnocentrismo* (1906). Para Summer, cada grupo pensa que seus costumes são os melhores e desdenham os costumes dos demais. Além dos termos já

citados, o ensaísta menciona a aculturação, que é o resultado do contato direto entre diferentes grupos e culturas que acaba por transformar os padrões iniciais culturais desses povos: o velho conceito de multiculturalismo repousa nesse conceito e no trabalho que, anacronicamente e com a ajuda de Jacques Derrida, chamaremos de *desconstrutor* do etnocentrismo. No Brasil, como se sabe, a visada multiculturalista foi fortalecida pela ideologia da *cordialidade* (SANTIAGO, 2004, p. 55, grifos do autor).

Para haver cordialidade nesses processos de aculturação, várias culturas nacionais cruzam-se para originar outra cultura nacional soberana. Após a aculturação, “Emigrantes que escapassem aos princípios definidos pelo estado-nação que os acolheria generosamente seriam terminantemente excluídos da agenda da imigração planejada, ou não seriam aceitos em território nacional” (p. 56). Para construir o Estado com as regras no novo multiculturalismo, é necessária a perda da memória individual do marginalizado em favor da artificialidade da memória coletiva.

Uma nova e segunda forma de multiculturalismo pretende dar conta do influxo de migrantes pobres, na maioria ex-camponeses, nas megalópoles pós-modernas, constituindo seus legítimos e clandestinos moradores e, resgatar, de permeio, grupos étnicos e sociais, economicamente desfavorecidos no processo assinalado de multiculturalismo a serviço do estado-nação (p. 59).

Obviamente Cora e Julia não são imigrantes clandestinas. Para sustentar sua estadia e seu curso de Moda, no entanto, Cora precisa se juntar à classe marginalizada de empregados, daqueles que buscam pertencimento e que não estão completamente no centro da sociedade. Suas relações são limitadas quase sempre a um contato com outros imigrantes:

Nesses quase três anos em Paris, é claro que eu havia encontrado um bocado de gente. Pessoas da Namíbia, dos pântanos da Louisiana, dos restos totalitários da Estônia e da Ucrânia. Homens de ascendência árabe me serviram chás adoçados demais. Meninas japonesas me descreveram suas casas em Tóquio e Kyoto com a ajuda de tradutores eletrônicos. Na minha festa de aniversário à beira do Sena, ganhei um gorro peruano e uma garrafa de tequila com gosto levemente defumado. Quanto à minha vida amorosa, ela também seguia uma lógica globalizada. Eu frequentava, como diriam os franceses, um vizinho argelino cujo apartamento emitia as lamúrias intermináveis das canções kabyle. E, quase ao mesmo tempo, tinha conhecido uma argentina de dezenove anos chamada Alejandra em um bar indie chamado Pop In. Jean-Marc, no entanto, era o primeiro francês que realmente queria conversar comigo (BENSIMON, 2013, p. 60).

Jean-Marc foi o único francês que se importou em escutar Cora e manter uma relação de amizade. Tendo dificuldade de cultivar relações com franceses, a personagem do interior identifica-se e inicia uma amizade com um garçom, também de origem marginalizada:

Precisamente naquele instante, eu lembro de ter pensado que Jean-Marc estava satisfeito com seu emprego. Aquilo era bom o suficiente. Nunca ia acordar pensando no porquê de ainda ser um garçom, tampouco culpar os pais ausentes, os anos cheirando cola ou a ascensão dos políticos de direita. Dei o primeiro gole e falei que estava ótimo, de verdade. Ele sorriu. "Você me disse que é do Brasil, certo?" "Aham." "Engraçado, você não parece uma brasileira-padrão." (BENSIMON, 2013, p. 61).

Nesse contexto de migração e cidadãos periféricos ou desenraizados, há outra situação no romance que merece destaque: o namorado de Julia, Eric:

Eric crescera em um subúrbio a oeste de Boston. Imagine uma porção de casas maiores do que o necessário, algumas com salas de jogos e estufas, no fim de tarde a água automaticamente espirrando sobre os gramados bem aparadinhos. Esse era o sonho americano dos Aslan. Mas, depois do Onze de Setembro, não era incomum que os vizinhos ficassem confusos e imaginassem um Corão aberto na mesa de centro daquela sala. Só que eles não eram sequer árabes. Turcos e árabes eram tão diferentes quanto um índio navajo é diferente de um índio guarani. Mas de que isso adiantava se Eric insistia em usar aquela barba espessa? Como se não bastasse, a palavra Aslan soava perigosamente próxima de islã (BENSIMON, 2013, p. 30).

Eric é natural dos Estados Unidos. Seu sobrenome Aslan, no entanto, era diretamente relacionado, pelos americanos, aos muçulmanos. Sendo associado a ameaças terroristas, Eric sentiu-se intimidado e optou por estudar em uma universidade no Quebec. Mais uma vez temos o exemplo de um sujeito que abre mão de sua cultura porque precisa de novas oportunidades no exterior.

São muitas as ocorrências de deslocamentos dentro do romance. Pessoas que saem de seu país em busca de outras oportunidades de acolhimento, pessoas que buscam o pertencimento em certas esferas da sociedade e que acabam marginalizadas econômica ou culturalmente. A busca pelo global é um elemento comum entre as personagens: saem do interior de sua comunidade para tentar contato com as esferas centrais da globalização. O título do romance, por exemplo, faz menção ao global:

A tv tinha ficado ligada no mudo, era um filme de banguê-banguê cheio de moscas e barbas por fazer, mas Julia só havia visto os quinze

minutos iniciais. Ela disse que adorava caubóis. Agora Julia estava esticada na minha cama, de maneira que parecia não ter sobrado muito espaço para mim. Tirei a roupa, coloquei uma camiseta velha e tentei me acomodar como pude. O filme ainda estava bem longe de terminar. Fiquei assistindo. Um duelo. Um romance. Um deserto. Aquela menina que dormia ao meu lado. Todos nós adorávamos caubóis (BENSIMON, 2013, p. 190).

Os filmes de *bangue-bangue* são dominantes no multiculturalismo cinematográfico, pois são característicos do cinema hollywoodiano. O mesmo pode-se afirmar sobre a figura do caubói. Julia e Cora são naturais do Rio Grande do Sul, onde a imagem do peão campeiro, boiadeiro, com vestimentas típicas de bombacha, botas, camisa e chapéu, é marca da identidade da região. O termo mencionado, todavia, é caubói (*cowboy*), que tem seu sentido associado ao gênero cinematográfico e literário do Velho Oeste dos Estados Unidos. O termo caubói transpassou as fronteiras globais e está internalizado nas regiões mais periféricas. O trecho supra diz respeito ao final do romance, quando Cora visualiza um momento em que estão juntas, na casa de sua mãe, e ambas assistem a um filme no quarto. O Velho Oeste está no Rio Grande do Sul, o caubói global chega ao interior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como exposto no início deste trabalho, o romance de Bensimon é uma atualização de uma *road trip*: em vez de ocorrer nas famosas estradas americanas, a viagem explora territórios que são desconhecidos e ignorados pelo globo, pois não se encaixam no centro da grande globalização. Alguns embates entre o global e local, no entanto, surgem no que diz respeito aos aspectos culturais, ao território, às trocas econômicas e aos sujeitos que ali habitam ou transitam.

O primeiro tópico analisado explorou o espaço local do romance. As cidades que as personagens visitaram carregavam consigo algum fator que representava ou se destacava na região: em Soledade, as pedras; em Cambará do Sul, os cânions como cenário da emissora Globo; em Antônio Prado, a forte cultura italiana. Hall (2006) afirma que esse processo de cultura nacional está diretamente ligado à identidade cultural, pois a nação é uma comunidade simbólica. O reforço da particularidade de uma nação é um dos possíveis resultados da globalização e industrialização como resistência a tais fenômenos. Por outro lado, mesmo com tais peculiaridades, a globalização chega

aos sujeitos pós-modernos: a trilha musical das personagens é composta por *rock* internacional e a bebida citada é Coca-Cola. O consumo advindo do sistema capitalista globalizado certamente uniu o local com o global. No cenário desse romance de estrada, estamos em contato com elementos locais diretamente ligados à economia global, como a exportação de soja, de pedras e exploração de cobre.

Essas trocas entre extremos também se fazem presentes nas próprias protagonistas da obra. Analisamos que Cora e Julia são sujeitos interculturais (CANCLINI, 2005), pois são resultado do hibridismo do mundo globalizado: viagens para o exterior, contato com as mídias atuais, moda, diferentes meios de comunicação. Mesmo sendo naturais do Rio Grande do Sul, Cora relata certo estranhamento entre elas, o espaço e os habitantes. Um exemplo disso é o vestuário, que destoa da região. A situação entre Cora e o homem de bombachas, em Porto Alegre, representa certa distância entre a moda que surge na Europa e a que chega ao interior do Estado em que se encontram. Com suas identidades flutuantes, Cora e Julia ainda apresentam distintos tratamentos com o local e seus habitantes: a narradora é de Porto Alegre, enquanto sua companheira é de Soledade. Há notável diferença entre a capital de um Estado e uma cidade do interior quando se trata dos alcances da globalização. Sendo assim, Júlia é mais flexível a esses choques culturais e percebe que Cora as vê como a civilização no meio da barbárie.

Essas diferenças entre sujeito e ambiente, contudo, também ocorrem nos momentos do romance em que Cora está no exterior. Em Paris, trabalha num restaurante onde convive com turistas de várias nacionalidades. Ao divagar sobre sua partida do Brasil, Cora esclarece que é válida a experiência de abrir mão do seu diploma brasileiro para servir de mão de obra em países europeus em troca de segurança e tranquilidade. Silviano Santiago (2004), já citado, reconhece que no processo de imigração é necessária a cordialidade, em que os imigrantes cedem sua cultura para se integrar à memória artificial de uma cultura dominante. As pessoas com quem Cora se identifica, portanto, são os desenraizados ou os periféricos que, segundo ela, não conseguem ou ainda não entraram para o centro dessa sociedade globalizada onde se encontram.

Enfim, o título do romance traz um movimento cíclico ao ser a mesma frase que o encerra. As relações entre o global e o local na narrativa configuram um ciclo de deslocamento, e as personagens representam o sujeito que flutua e carrega consigo características de diferentes nações conectadas umas às outras. O global e o local são representações de espaço que se comunicam e competem entre si, e é no local que irão

aparecer as influências distantes do global: nesse movimento circular, um não pode existir sem o outro.

REFERÊNCIAS

- BENSIMON, Carol. *Todos nós adorávamos caubóis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- CANCLINI, Néstor García. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Tradução Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- FERNÁNDEZ, Helena González. Romance de estrada: memória afetiva e sexualidade em Carol Bensimon. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 50, p. 84-101, 2017.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. Pensando a diáspora (reflexões sobre a terra no exterior). In: SOVIK, Liv (org.). *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rudiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- JOBIM, José Luís. *Literatura e cultura: do nacional ao transnacional*. Rio de Janeiro: Editora Uerj, 2013.
- SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- SILVA, Rogério Marques. *Espaço e tempo nas Minas do Camaquã em Caçapava do Sul/RS*. 2008. 136 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Naturais e Exatas, 2008.

Data de recebimento: 05/05/2020
Data de aprovação: 06/12/2021